

ZORA NEALE HURSTON
**OLUALÊ
KOSSOLA**

**AS PALAVRAS DO
ÚLTIMO HOMEM NEGRO
ESCRAVIZADO**

**PREFÁCIO DE
ALICE WALKER**

Tradução de
Bhuvi Libanio

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Mas o fato irrefutável que ficou entalado na minha garganta era: meu povo me *vendeu* e os brancos me compraram... Isso imprimiu em mim a natureza universal de ganância e glória.

Zora Neale Hurston, *Dust Tracks on a Road*

Índice

Prefácio:

*Aqueles que nos amam jamais nos deixam sozinhos com
nossa dor: A leitura de Olualê Kossola: as palavras do
último homem negro escravizado, por Alice Walker*

<i>Introdução, por Deborah G. Plant</i>	15
<i>Nota da editora, por D. G. P.</i>	31
<i>Introdução à edição brasileira, por Messias Basques</i>	33

OLUALÊ KOSSOLA

PREFÁCIO	55
INTRODUÇÃO	57
I	73
II: A CHEGADA DO REI	83
III	93
IV	97
V	105

VI: BARRACÃO	115
VII: ESCRAVIZAÇÃO	125
VIII: LIBERDADE	131
IX: CASAMENTO	137
X: KOSSULA APRENDE SOBRE A LEI	145
XI	151
XII: SOZINHO	159
APÊNDICE	163
Takkoi ou Attako — Jogo infantil	163
Histórias que Kossula me contou	165
O macaco e o camelo	170
História de Jonas	173
Agora ess' é Abraão pai dos fiéis	176
A mulher leoa	177

Posfácio e material adicional
editado por Deborah G. Plant

<i>Posfácio</i>	187
<i>Agradecimentos</i>	215
<i>Fundadores e primeiros residentes de Africatown</i>	221
<i>Glossário</i>	223
<i>Bibliografia</i>	235

Prefácio

AQUELES QUE NOS AMAM JAMAIS NOS
DEIXAM SOZINHOS COM NOSSA DOR

*A leitura de Olualê Kossola:
as palavras do último
homem negro escravizado*

Aqueles que nos amam jamais nos deixam sozinhos com nossa dor. No momento em que mostram a nós nossa ferida, eles revelam ter o remédio. *Olualê Kossola: as palavras do último homem negro escravizado* é um exemplo perfeito disso.

Não sei se jamais houve uma leitura mais difícil que essa, para nós que temos o dever de carregar os ancestrais, de trabalhar por eles, enquanto seguimos com a vida diária em diferentes partes do mundo para onde eles e elas foram levados acorrentados. E onde existiram, como escravizados

de pessoas brancas cruéis, curiosas ou indiferentes (com poucas exceções), em precária suspensão, desconectados de sua vida real; e onde nós também tivemos de lutar para proteger nossa humanidade, para experimentar a alegria de viver, apesar de todo o mal que testemunhamos ou ao qual fomos submetidos.

Ao ler *Olualê Kossola*, compreende-se imediatamente o problema que, anos atrás, várias pessoas negras, sobretudo intelectuais e líderes negros, tiveram com o livro. Ele registra de maneira resoluta as atrocidades que pessoas africanas infligiram umas às outras, bem antes de africanos algemados, traumatizados, doentes, desorientados, famintos chegarem aos navios como “carregamento de negros” no oeste infernal. Quem poderia encarar essa visão do comportamento violentamente cruel dos “irmãos” e das “irmãs” que foram os primeiros a capturar nossos ancestrais? Quem iria querer saber, por meio de um relato detalhado, como líderes africanos deliberadamente emprenderam a captura de africanos em povos vizinhos para provocar guerras por conquistas com a finalidade de escravizar, para o tráfico, pessoas — homens, mulheres, crianças — que pertenciam à África? E faziam isso de maneira tão hedionda que ler sobre isso duzentos anos depois provoca ondas de horror e angústia. Esta é, não se engane, uma leitura atormentadora.

A ferida nos está sendo mostrada.

No entanto, a genialidade de Zora Hurston mais uma vez produziu uma obra-mestra¹. O que é uma obra-mestra? É a perspectiva feminina ou parte da estrutura, seja ela de pedra ou sofisticada, sem a qual o edifício inteiro é uma mentira. E sofreremos muito com isto: que africanos foram apenas vítimas do tráfico de escravizados, não participantes. Pobre Zora. Nada menos que uma antropóloga! Filha de Eatonville, na Flórida, onde a verdade, o que era real, o que acontecia de fato com alguém, importava. E então ela se sentou com Cudjo Lewis. Ela compartilhou pêssegos e melancia. (Imagine quantas gerações de pessoas negras jamais admitiriam comer melancia!) Ela conheceu a história sinistra contada por uma das últimas pessoas capazes de contá-la. Como pessoas negras vieram para os Estados Unidos, como fomos tratados por negros e brancos. Como

1 Ao definir o livro como uma obra-mestra (ou *maestrapiece*, no original), Alice Walker evoca a imagem de uma linhagem materna da intelectualidade negra, em oposição à imagem convencional dos pais fundadores do pensamento científico. A temática já havia sido debatida pela autora no seu livro *Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista* (1983). Em suas palavras, “para saber quem somos, devemos saber os nomes de nossas mães”. Zora Neale Hurston ocupa uma posição primordial neste contexto, pois Alice Walker conta que, “ao encontrar aquela Zora (como uma chave dourada capaz de abrir um depósito de tesouros variados), fui fisgada. O que eu tinha descoberto, claro, era um modelo. [...] Zora já tinha feito um trabalho cuidadoso, preparando o terreno por onde eu caminhava”. In: WALKER, Alice. *In Search of our Mothers' Gardens*. Nova York: Harcourt, 1983, p. 12-13, 276. Para uma análise minuciosa do tema, ver: SADOFF, Dianne. *Black Matrilineage: The Case of Alice Walker and Zora Neale Hurston*. *Signs*, v. 11, n. 1, p. 4-26. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3174284>. Acesso em 9 ago. 2021. (N. da R.T.)

americanos negros, eles mesmo escravizados, ridicularizavam os africanos, tornando a vida deles muito mais difícil. Como brancos, tratavam seus “escravos” como peças de maquinaria. Mas uma maquinaria que podia ser chicoteada, se não produzisse o suficiente. Rápido o suficiente. Uma maquinaria que poderia ser mutilada, estuprada, morta, se surgisse o desejo. Uma maquinaria que poderia ser traída, com alegria, sem nem um pouco de culpa.

E então a história da vida de Cudjo Lewis depois da Proclamação de Emancipação. Sua felicidade com a “liberdade”, ajudando a formar uma comunidade, uma igreja, construindo a própria casa. Seu amor e carinho pela esposa, Seely, e por seus filhos. As horríveis mortes que se seguiram. Vemos um homem que sente falta da África, que sente muita falta de sua família, somos tomados de assalto ao perceber que ele está nomeando algo que nós mesmos nos esforçamos tanto para evitar: como nós também somos solitários nesta terra ainda estrangeira: sentimos falta de nossa verdadeira cultura, de nosso povo, de nossa conexão única com uma compreensão específica do Universo. E aquilo a que ansiamos, como no caso de Cudjo Lewis, foi embora para sempre. Mas enxergamos algo mais: a nobreza de uma alma que sofreu até quase ser apagada e ainda assim luta para ser inteira, presente, generosa. Crescendo no amor, se aprofundando na compreensão. A sabedoria de Cudjo fica tão evidente, no fim de sua vida, que vizinhos pedem a ele que lhes fale em parábolas. O que ele faz. Oferecendo paz.

Eis o remédio:

Apesar de o coração estar partido, a felicidade também pode existir em um momento. E, porque o momento em que vivemos é todo o tempo que realmente existe, conseguimos seguir em frente. Pode ser verdade, e com frequência é, que todas as pessoas por quem temos carinho são tiradas de nós. Ainda assim, de tempos em tempos... De tempos em tempos, assistimos ao crescimento de nossos feijões e de nossas melancias. Plantamos. Cultivamos. Colhemos. Compartilhamos com vizinhos. Se uma jovem antropóloga surge com duas peças de presunto e nos dá uma delas, esperamos aproveitá-la.

A vida, inexaurível, segue. E nós também. Carregando nossas feridas e nossos remédios enquanto seguimos.

Nossa jornada nas Américas é incrível e espetacular. É tão notável que só se pode ser grato por ela, por mais bizarro que isso possa soar. Talvez nosso planeta exista para aprendermos a apreciar a extraordinária maravilha da vida que cerca até mesmo nosso sofrimento, e para dizer Sim, ainda que através da mais espessa lágrima.

Alice Walker
Março de 2018

Introdução

Em 14 de dezembro de 1927, Zora Neale Hurston pegou o trem das 15:40 na Penn Station, Nova York, para Mobile, a fim de conduzir uma série de entrevistas com o último africano de que se sabia sobrevivente do último navio negreiro dos Estados Unidos, o *Clotilda*. Seu nome era Kossola, mas o chamavam de Cudjo Lewis. Ele foi mantido escravizado por cinco anos e meio no Plateau-Magazine Point, Alabama, de 1860 até que soldados da União lhe informaram que estava livre. Kossola viveu o restante da vida em Africatown (Plateau).¹ A viagem de Hurston para o sul foi uma continuação de sua expedição iniciada no ano anterior.

Olualê Kossola sobreviveu à captura por guerreiros do Reino do Daomé, aos barracões em Uidá e à Passagem do Meio. Ele foi escravizado, viveu durante a Guerra Civil, sobreviveu ao Sul não reconstruído e sofreu com as leis Jim

1 HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatário: Langston Hughes, 9 dez. 1927. In: KAPLAN, Carla (ed.). *Zora Neale Hurston: A Life in Letters* [Zora Neale Hurston: uma vida através de cartas]. Nova York: Doubleday, 2002, p. 110.

Crow. Ele vivenciou o alvorecer de um novo milênio, incluindo a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão. Nessa magnitude de eventos mundiais, os importantes eventos do mundo pessoal de Kossola passaram como um redemoinho.

Zora Neale Hurston, como antropóloga cultural, etnógrafa e folclorista, estava ansiosa para investigar as experiências dele. “Quero saber quem você é”, ela abordou Kossola, “e como você foi escravizado; e a que parte da África você pertence, e como você lidou com o fato de estar escravizado, e como você tem vivido como um homem livre.” Kossola assimilou cada uma das perguntas dela, então ergueu um semblante choroso. “Brigado Jesus! Alguém vem perguntá sobre Cudjo! Eu quer contá pra alguém quem eu é, então talvez eles vão no solo da África um dia e chama meu nome e alguém diz: ‘Sim, eu conheço Kossula.’”^{2,3}

2 Veja a introdução escrita por Hurston para este livro. Hurston utilizou diferentes grafias para o nome de Kossola. Em *Dust Tracks*, ela utilizou a grafia silábica que era característica de sua técnica quando registrava dialetos: “Lá fui falar com Cudjo Lewis. Essa é a versão americana de seu nome. Seu nome africano era Kossola-O-Lo-Loo-Ay” (198). Nos originais de *Oluale Kossola*, ela sistematicamente se refere a ele como “Kossula”.

3 No Brasil do século XIX, a língua portuguesa estava em rápida expansão. Por um lado, era difundida pela imprensa, por escolas e pela escrita. Por outro, os falantes de quimbundo, quicongo, iorubá, eve, fon, haussá, macua e tantas outras línguas de origem africana eram obrigados a aprender o português, trazidos escravizados para o país. Diferentes grupos étnicos eram levados a diferentes regiões do Brasil. Dessa maneira, se quisermos representar a língua falada por um homem negro escravizado específico, no Brasil do século XIX, teríamos que, de certo modo, conhecer sua etnia, mas

Depois de um período de três meses, Hurston visitou Kossola. Ela levou pêssegos da Geórgia, presuntos da Virgínia, melancias da estação e repelente da Bee Brand. Os presentes foram tanto uma forma de facilitar a amizade que florescia entre eles quanto meios de aguçar as lembranças de Kossola. Grande parte de sua vida foi uma sequência de separações.⁴ Coisas doces podem ser paliativos. Kossola confiava em Hurston para contar sua história e transmiti-la para o mundo. Outras pessoas entrevistaram Kossola e escreveram textos que se concentravam nele e, mais genericamente, na comunidade de sobreviventes em Africatown. Mas apenas Zora Neale Hurston conduziu extensas entrevistas que renderiam um relato completo em livro sobre a vida de Kossola. Ela alternava o título do trabalho entre *Barracoön: The Story of the Last 'Black Cargo'* [Barracão: a história do último “carregamento negro”] e *The Life of Kossula* [A vida de Kossula]. Assim como nas outras entrevistas, Kossola

também saber o local onde viveu e qual trabalho executou. Caso contrário, correríamos o risco de tão somente repetir estereótipos. Uma vez que Kossola viveu nos Estados Unidos, não poderíamos determinar para qual região brasileira ele teria sido levado e, portanto, quais traços de sua língua materna apareceriam em sua fala, se falasse o português brasileiro. Diante disso, para traduzir a fala de Olualê Kossola, optou-se por repetir no português alguns traços peculiares à fala dele no inglês — aqueles que a estrutura linguística do português nos permite reproduzir sem contribuir com a disseminação de estereótipos. (N. da T.)

4 HILL, Lynda Marion. *Social Rituals and the Verbal Art of Zora Neale Hurston* [Rituais sociais e a arte verbal de Zora Neale Hurston]. Washington, DC: Howard University Press, 1996, p. 68.

esperava que a história confiada a Hurston alcançasse o seu povo, do qual ainda sentia falta. Essa desconexão que vivenciava era fonte de contínua angústia.

ORIGENS

Kossola nasceu em cerca de 1841, na cidade de Bantè, lar dos isha, subgrupo do povo iorubá do oeste da África. Ele era o segundo filho de Fondlolu, a segunda das três esposas de seu pai. A mãe deu a ele o nome Kossola, que significa “não perco mais meus frutos” ou “minhas crianças não morrem mais”.⁵ Sua mãe teria ainda mais quatro filhos depois de Kossola, e ele, mais doze irmãos e irmãs em sua família extensa. O nome de Fondlolu a identificava como alguém que havia sido iniciada como devota de um Òrìṣà

5 DIOUF, Sylviane. *Dreams of Africa in Alabama: The Slave Ship Clotilda and the Story of the Last Africans Brought to America* [Sonhos da África no Alabama: o navio negreiro *Clotilda* e a história dos últimos africanos a serem trazidos para a América]. Nova York: Oxford University Press, 2007, p. 40. O contexto biográfico de Kossola Oluale e o contexto histórico do *Clotilda* foram retirados da obra de Diouf; ROBERTSON, Natalie. *The Slave Ship Clotilda and the Making of Africatown, USA: Spirit of Our Ancestors* [O navio negreiro *Clotilda* e a construção de Africatown, EUA: o espírito de nossos ancestrais]. Westport, CT: Praeger, 2008; e HURSTON, Zora Neale. *Olualê Kossola: as palavras do último homem negro escravizado*, caixa 164-186, arquivo 1, cópia datilografada e inédita e rascunho manuscrito, 1931, Coleção Alain Locke, Departamento de Manuscritos, Centro de Pesquisas Moorland-Spangarn, Universidade Howard.

[orixá]. Seu pai se chamava Olualê.⁶ Apesar de seu pai não ser descendente da realeza, como sugere *Olu*, que significa “rei” ou “chefe”, o avô de Kossola era oficial do rei na cidade deles, proprietário de terras e animais.

Aos 14 anos, Kossola tinha feito treinamento para ser soldado, o que envolvia desenvolver habilidades de caça, acampamento e perseguição, além de se especializar em arco e flecha e lança. Esse treinamento o preparou para ser introduzido na sociedade secreta de homens chamada *oro*. Essa sociedade era responsável por garantir a justiça e a segurança na cidade. O povo isha iorubá de Bantè vivia em uma sociedade agrícola e era pacífico. Portanto, o treinamento de jovens rapazes na arte da guerra era uma defesa estratégica contra nações belicosas. Aos 19 anos, Kossola estava passando pelo processo de iniciação para o casamento. Mas esses rituais jamais foram realizados. Era 1860 quando o mundo que Kossola conhecia estava chegando a um fim abrupto.

O TRÁFICO TRANSATLÂNTICO

Na metade do século XIX, o mundo atlântico já havia tomado o interior africano. E, apesar de a Grã-Bretanha já ter abolido o tráfico internacional de povos africanos, ou a atividade a que se

6 Parece que “Olualê”, nome do pai de Kossola, portanto, o primeiro nome de Kossola na África, ficou contraído em Lewis, que se tornou o último nome de Kossola nos Estados Unidos. “Cudjo” é o nome dado a uma criança do sexo masculino nascida em uma segunda-feira. Esse passou a ser o primeiro nome de Kossola nos Estados Unidos.

referia como “comércio transatlântico de pessoas escravizadas”,⁷ em 1807, e, apesar de os Estados Unidos terem seguido o exemplo em 1808, navios europeus e americanos ainda navegavam para portos ao longo da costa ocidental africana para conduzir o que então era considerado “comércio ilegítimo”. Leis foram aprovadas e tratados assinados; no entanto, meio século depois, a deportação de africanos da África para o continente americano continuava. França e Estados Unidos uniram forças com a Grã-Bretanha para suprimir o tráfico. Porém, o esforço foi, sobretudo, britânico, e as patrulhas dos Estados Unidos comprovaram sua ambivalência e frequente posição contrária aos interesses abolicionistas.⁸

7 Neste livro, decidi-se pela substituição do termo “escravo” por “escravizado”. Embora não haja consenso entre as pessoas que pesquisam a temática ou que se dedicam à tradução de obras literárias e acadêmicas, a decisão se baseia principalmente na reivindicação de pessoas negras acerca das consequências profundamente negativas da utilização de uma terminologia que somente contribui para a reprodução do racismo. Há quem defenda que a substituição de um termo pelo outro é anacrônica. Porém, entendemos que os sentidos que atribuímos ao passado são informados por decisões que tomamos no tempo em que vivemos. Além disso, o modo como olhamos para o passado informa a nossa compreensão do presente. Afinal, não se trata apenas de uma diferença semântica. Ter sido escravizado significa que este ou aquele indivíduo era uma pessoa, que foi capturada e subjugada ao cativeiro, no qual o cativo era transformado em escravo. Ao dizer que uma pessoa era um escravo, é a sua própria condição humana que desaparece, uma vez que o indivíduo é reduzido à condição primordial de uma propriedade (objeto) que pertenceria a uma pessoa (sujeito). Olualê Kossola foi um homem que sofreu o processo de escravização, mas a sua existência não se resume à condição de escravo que lhe foi imposta nos anos em que viveu em cativeiro. (N. da R.T.)

8 LOVEJOY, Paul E. *Transformations in Slavery: A History of Slavery*

Habitados ao empreendimento lucrativo do tráfico e incentivados pela relativa facilidade de encontrar compradores para seus cativos, africanos que se opunham ao fim do tráfico persistiam na iniciativa. Os fon do Daomé foram os principais entre os povos africanos a resistir à supressão. Não só a escravização interna de seus prisioneiros era percebida como essencial para as tradições e os costumes mas também a venda externa dessas pessoas sustentava a riqueza de seu reino e seu domínio político. Para manter um “fornecimento de pessoas escravizadas” satisfatório, o rei do Daomé instigava guerras e conduzia ataques com o único propósito de abastecer o estoque real.

O rei Ghezo do Daomé renunciou seu tratado de 1852 para abolir o tráfico e, em 1857, retomou guerras e ataques. Relatos de suas atividades chegaram aos jornais de Mobile, Alabama. Um artigo de 9 de novembro de 1858 noticiou que “o rei do Daomé estava conduzindo um comércio intenso em Uidá”.⁹ Esse artigo chamou a atenção de Timothy Meaher, um “senhor de escravos” que, assim como vários escravocratas estadunidenses, queria manter o tráfico transatlântico. Desafiando a lei constitucional, Meaher decidiu importar pessoas africanas ilegalmente e escravizá-las. Em conspiração com Meaher, William Foster, que construiu o

in Africa. 3. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2012, p. 135-36. [ed. bras.: *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.]; ROBERTSON, 2008, p. 36-37.

9 DIOUF, 2007, p. 30-31.

Clotilda, equipou o navio para transportar a “carga de contrabando”. Em julho de 1860, ele navegou em direção ao golfo de Benim. Após seis semanas enfrentando tempestades e evitando ser surpreendido por navios que patrulhavam as águas, Foster ancorou o *Clotilda* no porto de Uidá.

BARRACÃO

De 1801 a 1866, aproximadamente 3.873.600 pessoas africanas foram trocadas por ouro, armas e outras mercadorias europeias e americanas. Desse número, por volta de 444.700 foram deportadas do golfo de Benim, que era controlado pelo Reino do Daomé.¹⁰ Durante o período de 1851 a 1860, aproximadamente 22.500 africanos foram exportados. Desse total, 110 foram embarcados no *Clotilda*, em Uidá. Kossola era um deles — uma transação entre Foster e o rei Glèlè. Em 1859, o rei Ghezo foi assassinado com um tiro enquanto voltava de uma de suas campanhas. Seu filho Badohun assumiu o trono. Ele recebeu o nome de Glèlè, que significa “o leão feroz da floresta” ou “terror no arbusto”.¹¹ Para vingar a morte do pai, bem como para juntar corpos sacrificiais destinados a certas cerimônias tradicionais iminentes, Glèlè intensificou as campanhas de invasão. Sob o pretexto de ter sido insultado quando o rei de Bantè se recusou a atender as demandas de Glèlè por milho e gado, Glèlè saqueou a cidade.

10 LOVEJOY, 2012, p. 141.

11 ROBERTSON, 2008, p. 84.

Kossola descreveu para Hurston a violência que sucedeu o ataque antes do amanhecer, quando o povo de sua cidade acordou com mulheres guerreiras do Reino do Daomé matando-os atordoados. Aqueles que tentavam escapar pelos oito portões que cercavam a cidade eram decapitados pelos guerreiros homens postados lá. Kossola lembrou o horror de ver cabeças decapitadas penduradas nos cintos dos guerreiros e que, no segundo dia, os guerreiros pararam a marcha para defumá-las. Através das nuvens de fumaça, ele não conseguiu ver as cabeças de sua família e de seu povo. “É fácil entender que poucas pessoas teriam olhado com atenção para aquela visão”, escreveu Hurston, empática.¹²

Com uma multidão capturada por guerreiros daomeanos, os sobreviventes do massacre de Bantè foram “presos a forquilhas e acorrentados”, então marcharam para as prisões de Abomei.¹³ Depois de três dias, foram encarcerados nos barracões em Uidá, perto do golfo de Benim. Durante as semanas de sua existência nos barracões, Kossola ficou confuso e ansioso em relação a seu destino. Diante dele havia um oceano violento e estrondoso que jamais tinha visto. Atrás dele, tudo o que considerava lar. Lá no barracão, assim como em seu lar no Alabama, Kossola estava paralisado entre dois mundos, e não pertencia totalmente a nenhum deles.

12 HURSTON, Zora Neale. *Dust Tracks on a Road: An Autobiography* [Trilhas de poeira na estrada: uma autobiografia]. Urbana: University of Illinois Press, [1942] 1984, p. 204.

13 *Ibid.*, p. 202.

KOSSOLA, HURSTON,
CHARLOTTE MASON E *OLUALÊ KOSSOLA*

Em setembro de 1927, Hurston se encontrou com Charlotte Osgood Mason, benfeitora de várias celebridades do Renascimento do Harlem e assinou um contrato com ela.¹⁴ Mason financiou o retorno de Hurston ao Alabama para mais entrevistas com Kossola e apoiou as pesquisas dela enquanto preparava *Olualê Kossola* para publicação. Em uma carta a Mason, em 25 de março de 1931, Hurston escreveu que o trabalho “está indo bem”. Relatou que precisou revisar algumas passagens, mas que estava “a alguns parágrafos do fim da coisa toda. E então finalmente datilografar”. Ela descreveu suas revisões e relatou as últimas descobertas de sua pesquisa: “Descobri na biblioteca um relato verídico do ataque, como Kossula disse que aconteceu. E o nome do povo. Não estava nos mapas porque o povo inteiro foi dizimado por tropas daomeanas. O rei que os conquistou preservou cuidadosamente a caveira do rei de Kossula como seu principal inimigo.”¹⁵

Hurston e Mason conversaram sobre a possível publicação de *Olualê Kossola* durante alguns anos. Em seu desejo

14 O Renascimento do Harlem foi o movimento que transformou o bairro nova-iorquino Harlem no centro da cultura negra. Da primeira década do século XX até a metade dos anos 1930, esse período é considerado a era dourada da cultura afro-estadunidense, manifestada na literatura, na música, no teatro e nas artes plásticas. (*N. da T.*)

15 HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatária: Charlotte Osgood Mason, 25 mar. 1931. *In*: KAPLAN, 2002, p. 214.

de ver Hurston financeiramente independente, Mason incentivou Hurston a preparar *Olualê Kossola* para publicação, assim como o material que depois se tornaria *Mules and Men* [Mulas e homens]. Charlotte Mason se considerava não só uma benfeitora de escritores e artistas negros como também uma guardiã do folclore negro. Ela acreditava que era seu dever protegê-lo dos brancos que, “sem ter mais nada de interessante para investigar entre eles”, estavam apanhando “material por todos os lados que, por direito, pertence totalmente a outra raça”. Seguindo as sugestões de Mason e Alain Locke, Hurston aconselhou Kossola e sua família a “evitar falar com outros colecionadores de folclore — sem dúvida, brancos — que ele e a madrinha sentissem que ‘deveriam ser mantidos totalmente afastados não só do projeto em questão mas do movimento inteiro pela redescoberta do material de nossa gente’”.¹⁶

O apoio de Mason ao trabalho de Hurston com *Olualê Kossola* se estendeu a contribuições financeiras para o bem-estar de Kossola. Mason e Kossola acabaram estabelecendo contato direto, e Kossola a considerava uma “amiga querida”. Como uma carta sugere, Kossola tinha dificuldades financeiras. Mason ficou sabendo que ele usou trechos de sua cópia da narrativa de Hurston para ganhar dinheiro de jornais locais. Kossola ditou uma carta para Mason em resposta à preocupação que ela expressou:

16 HILL, 1996, p. 72; BOYD, Valerie. *Wrapped in Rainbows: The Life of Zora Neale Hurston* [Embrulhada em arco-íris: a vida de Zora Neale Hurston]. Nova York: Scribner, 2003, p. 167.

Querida amiga, você deve ter visto nos jornais sobre minha História. Mas já tem mais de três anos que eu deixo qualquer pessoa levar para copiar dela. Eu só fiz isso para que eles me ajudassem. Mas não tem ninguém fez por mim o que você faz. O senhor vai Abençoar você e vai te dar uma Vida longa. Onde não há mais divergências, seu em Cristo. Cudjo Lewis.¹⁷

Enquanto Mason queria proteger os interesses profissionais de Hurston, as duas ficaram preocupadas com o bem-estar de Kossola. Quando descobriu que Kossola não estava recebendo o dinheiro que Mason tinha enviado para ele, Hurston tentou descobrir qual era o problema. E atualizou Mason sobre a questão:

Escrevi para Claudia Thornton para verificar a situação de Kossula e tudo mais. Também pedi no correio em Plateau que verificassem as cartas que chegavam de Nova York para Cudjoe Lewis.¹⁸

Enquanto Hurston verificava como Kossola estava, ela continuava revisando seu manuscrito. “Segunda escrita sobre Kossula pronta e quase datilografada”, escreveu para

17 LEWIS, Cudjo [Correspondência]. Destinatária: Charlotte Mason, Coleção Alain Locke, Departamento de Manuscritos do Centro de Pesquisa Moorland-Spingarn, na Universidade Howard.

18 HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatária: Charlotte Mason. In: KAPLAN, 2002, p. 257.

Mason em 12 de janeiro de 1931. Em 18 de abril, ela estava entusiasmada: “Finalmente, *Olualê Kossola* está pronto para os seus olhos.”¹⁹ Grata pelo apoio de Mason, Hurston dedicou o livro a ela e começou a enviá-lo para editoras. Em setembro de 1931, ela recebeu a proposta da Viking: “Mais uma vez, a editora Viking pede por *A vida de Kossula*, mas em linguagem em vez de em dialeto. Está aqui e sei o que você pensa a respeito disso e então eu não respondo a eles exceto em sua língua.”²⁰ O dialeto era uma característica vital e que estabelecia a autoria da narrativa. Hurston não aceitou essa revisão. Talvez, como Langston Hughes escreveu em *The Big Sea*, o Negro já “não está mais em voga”, e editoras como a Boni e a Viking não queriam arriscar com “material Negro” durante a Grande Depressão.²¹

O GRIÔ

Parece haver uma pitada de frustração no relato da historiadora Sylviane Diouf sobre Hurston ter enviado *Olualê Kossola* para várias editoras, “mas ele jamais encontrou alguém que

19 HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatária: Charlotte Mason, 12 jan. 1931. In: KAPLAN, 2002, p. 201; HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatária: Charlotte Mason, 18 abr. 1931, p. 217.

20 HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatária: Charlotte Mason, 25 set. 1931. In: KAPLAN, 2002, p. 228.

21 HUGHES, Langston. *The Big Sea: An Autobiography* [O grande mar: uma autobiografia]. Nova York: Thunder's Mouth Press, 1940, 1986, p. 334; BOYD, 2003, p. 221.

o aceitasse, e ainda não foi publicado”.²² O manuscrito de Hurston, como Diouf chamou atenção, é de valor inestimável e uma extraordinária produção literária, apesar de não ter encontrado quem o aceitasse enquanto ela ainda estava viva. Nele, Zora Neale Hurston descobriu uma forma de produzir um texto escrito que mantém a oralidade da palavra falada. E ela fez isso sem se intrometer na narrativa, criando o que alguns acadêmicos denominam *oratura*. Ao contrário da rejeição pelo biógrafo literário Robert Hemenway de *Olualê Kossola* como uma recriação por Hurston da experiência de Kossola, a acadêmica Lynda Hill escreve que “em um ato deliberado de supressão, ela evita apresentar seu próprio ponto de vista de forma natural, ou naturalista, e permite que Kossula ‘conte sua história do seu jeito’”.²³

Zora Neale Hurston não estava comprometida apenas a recolher artefatos da cultura do povo afro-estadunidense, ela estava também determinada a apresentá-los de forma autêntica. Mesmo rejeitando a postura de observadora objetiva da investigação científica ocidental para assumir uma postura de observadora participante, Hurston ainda assim incorporou características convencionais dos processos de coleta etnográfica e folclórica em sua metodologia. Adotar a postura de observadora participante foi o que permitiu a ela coletar folclore “com tanta empolgação”.²⁴ Como Hill observa, Hurston estava simultaneamente trabalhando e aprendendo,

22 DIOUF, 2007, p. 3.

23 HILL, 1996, p. 64.

24 HURSTON, Zora Neale [Correspondência]. Destinatário: Langston Hughes, 12 abr. 1928. In: KAPLAN, 2002, p. 116.

o que significava, no fim das contas, que ela não apenas imitava seus mentores, mas estava criando a si mesma.

A narrativa de *Olualê Kossola* inclui os aspectos de etnografia e coleta folclórica que revelam a metodologia de Hurston e estabelece a história de Kossola como dele mesmo, e não uma ficção fruto da imaginação de Hurston. A história é principalmente contada do ponto de vista de Kossola, em primeira pessoa. Hurston transcreve a história dele, usando a dicção vernacular dele, grafando as palavras conforme a pronúncia que ela escuta. As frases seguem o ritmo sintático de Kossola e mantêm suas expressões idiomáticas e orações repetitivas. O método de Hurston respeita a sensibilidade de Kossola para contar sua história; é uma contação “enraizada ‘em solo africano’”. “Seria difícil dizer que ela inventou toda a linguagem de Kossola e, conseqüentemente, a personalidade dele que emerge”, comenta Hill.²⁵ E seria igualmente difícil afirmar que ela criou as experiências de vida relatadas na história de Kossola.

Ainda que Hurston tivesse suas próprias ideias de como uma história deve ser contada, Kossola tinha as dele. No início, Hurston fica impaciente com a fala de Kossola sobre o pai e o avô, por exemplo. Mas a sabedoria proverbial de Kossola ajusta esse comportamento: “Onde é a casa onde o rato é o líder?”²⁶

Em *Dust Tracks on a Road*, Hurston reclamou da reticência de Kossola. Ainda assim, a paciência que ela tem para compreender a história dele está bem aparente na narrativa. Ela persiste em retornar à sua casa, mesmo quando Kossola a manda

25 HILL, 1996, p. 65-66.

26 Ibid., p. 65.

embora de forma petulante. Nem sempre ele fala quando ela chega, e escolhe cuidar do jardim ou arrumar a cerca. E algumas vezes o tempo que ela tem com ele é empregado para levá-lo à cidade. Algumas vezes ele se perde em memórias.

Registrar esses momentos no corpo da narrativa não só estrutura o fluxo geral da narrativa dos eventos mas também revela os padrões comportamentais de seu informante. Como Hurston não é apenas uma observadora, ela participa inteiramente do processo de “ajudar Kossula a contar a história dele”. “Ao escrever a história dele”, argumenta Hill, “Hurston não romantiza nem implica, de forma alguma, que ideais como autorrealização ou completa autoexpressão pudessem emergir de um sofrimento como o que Kossula vivenciou. Hurston não interpreta os comentários dele, exceto na construção da transição de uma entrevista para a seguinte, em suas notas de rodapé e no fim, quando faz um resumo”.²⁷ A história reunida por Hurston é apresentada de tal maneira que ela, a interlocutora, simplesmente desaparece. O lugar narrativo que ela criou para o desabafo de Kossula é sagrado. Em vez de se inserir na narrativa como a antropóloga cultural estudada e inquiridora, a etnógrafa investigativa ou a autora, Zora Neale Hurston, em sua escuta cuidadosa, assume o papel de um padre. Nesse espaço, Olualê Kossula transfere sua história de proporções épicas para ela.

Deborah G. Plant

27 Ibid., p. 67.

Nota da editora

A introdução de Zora Neale Hurston para *Olualê Kossola* foi editada para estar de acordo com as convenções ortográficas, pontuação, gramática e uso. A ortografia e o uso contemporâneo também foram aplicados a nomes e lugares. Ao elaborar a introdução de seu trabalho, Hurston fez um esforço bem-intencionado para documentar o material que utilizou como fonte para contextualizar a narrativa de *Olualê Kossola*. Como ela afirma em seu prefácio, “pelos dados históricos, estou em dívida para com o *Journal of Negro History* e para com os registros da Sociedade Histórica de Mobile”. Ela reitera esse agradecimento em sua introdução e alude ao uso de outros “registros”. Hurston utilizou o *Historic Sketches*, de Emma Langdon Roche, mas faz referência indireta a essa obra, e a citação tirada desse livro, assim como de outras fontes que ela usou, são inconsistentes. Sempre que houve dúvida em relação ao uso de paráfrase e citação direta, revisei a passagem como citação direta e a documentei apropriadamente.

Em relação à narrativa, propriamente dita, li o original datilografado cotejando com outros rascunhos, datilografados e manuscritos, para chegar a um texto definitivo. Poucas edições foram feitas no texto relacionadas à tipografia, para melhor compreensão ou para corrigir erros de datilografia. À exceção disso, o texto permanece como Hurston o deixou. Fiz comentários em notas a fim de apresentar explicações ou para oferecer dados bibliográficos completos de fontes que Hurston usou em suas próprias notas. Essas notas são identificadas como “Nota da editora” e estão entre colchetes. Todas as outras notas são originais do manuscrito. As citações de Hurston e as notas de rodapé também foram editadas de acordo com as normas convencionais.

D. G. P.